

MANUSCRITO 1

Conhecimento de estudantes de enfermagem sobre a comunicação com surdos na atenção básica

Knowledge of nursing students about communication with deaf people in primary care

Conocimientos de estudiantes de enfermería sobre la comunicación con personas sordas en atención primaria

RESUMO

Objetivo: descrever o conhecimento de estudantes de enfermagem de uma universidade pública sobre a comunicação com surdos na atenção básica. *Metodologia:* Trata-se de um estudo descrito com abordagem qualitativa desenvolvido com sete estudantes de enfermagem do oitavo semestre de uma universidade pública no interior da Bahia. Utilizou-se como método de análise de dados, a Análise de Conteúdo de Bardin. Os dados encontrados foram categorizados, em três categorias, a primeira “Conhecimento sobre a Língua dos Sinais”; “Estratégias de Comunicação”; “Oferta da disciplina de LIBRAS e sua importância para a formação profissional”, *Resultados:* A falta de comunicação por parte dos enfermeiros é um grande problema de saúde pública que tem seu início, muitas vezes, na formação inicial profissional devido a não oferta da disciplina de Língua Brasileira de Sinais. *Conclusão:* o conhecimento do profissional de enfermagem sobre a Língua de Sinais é essencial para uma comunicação satisfatória. Os profissionais necessitam utilizar da Língua de Sinais para efetivar uma boa comunicação com as pessoas surdas. É preciso que a disciplina de Língua Brasileira de Sinais seja ofertada aos estudantes de enfermagem, para minimizar esse embate na comunicação, para que os vínculos sejam estabelecidos e a assistência livre de danos.

Palavras- chave: Enfermagem; Atenção Primária a Saúde; Surdez; Perda auditiva.

ABSTRACT

Objective: to describe the knowledge of nursing students at a public university about communication with deaf people in primary care. *Methodology:* This is a study described with a qualitative approach developed with seven nursing students in the eighth semester of a public university in the interior of Bahia. Bardin's Content Analysis was used as a data analysis method. The data found was categorized into three categories, the first “Knowledge about Sign Language”; “Communication Strategies”; “Offer of the LIBRAS discipline and its importance for professional

training”, Results: The lack of communication on the part of nurses is a major public health problem that often begins in initial professional training due to the non-offer of the discipline of Brazilian Sign Language. Conclusion: the nursing professional's knowledge of Sign Language is essential for satisfactory communication. Professionals need to use Sign Language to communicate well with deaf people. It is necessary that the Brazilian Sign Language discipline be offered to nursing students, to minimize this conflict in communication, so that bonds are established and assistance is free from harm.

Keywords: Nursing; Primary Health Care; Deafness; Hearing Loss.

RESUMEN

Objetivo: describir el conocimiento de estudiantes de enfermería de una universidad pública sobre la comunicación con personas sordas en atención primaria. Metodología: Se trata de un estudio descrito con enfoque cualitativo desarrollado con siete estudiantes de enfermería del octavo semestre de una universidad pública del interior de Bahía. Como método de análisis de datos se utilizó el Análisis de Contenido de Bardin. Los datos encontrados se categorizaron en tres categorías, la primera “Conocimientos sobre Lengua de Señas”; “Estrategias de comunicación”; “Oferta de la disciplina LIBRAS y su importancia para la formación profesional”, Resultados: La falta de comunicación por parte de los enfermeros es un importante problema de salud pública que muchas veces comienza en la formación profesional inicial debido a la no oferta de la disciplina de Signo Brasileño. Idioma. Conclusión: el conocimiento de la Lengua de Señas por parte del profesional de enfermería es fundamental para una comunicación satisfactoria. Los profesionales necesitan utilizar la lengua de signos para comunicarse bien con las personas sordas. Es necesario que la disciplina de Lengua de Signos Brasileña sea ofrecida a los estudiantes de enfermería, para minimizar ese conflicto en la comunicación, de modo que se establezcan vínculos y la asistencia sea libre de daños.

Palabras clave: Enfermería; Primeros auxilios; Sordera; Pérdida de la audición.

1. INTRODUÇÃO

A comunicação é um mecanismo fundamental para a prestação dos cuidados a saúde, pois permite uma interação entre os profissionais de saúde e usuário (Silva; Bento, 2016). Por isso, é preciso que a equipe esteja habilitada para assistir as pessoas surdas satisfatoriamente (Pereira et al., 2019).

Dentre os direitos enfatizados na constituição menciona-se a saúde da pessoa surda que deve atender todas as suas necessidades de maneira igualitária, por meio de um processo comunicacional de qualidade, com clareza para que se consiga realizar o atendimento, avaliando as queixas, realizando triagem,

estabelecendo interação entre trabalhador e usuário (Dantas et al., 2014; Francisqueti et al., 2017).

A comunicação pode ser caracterizada pelas formas de linguagem, que são a linguagem verbalizada que refere a emissão de sons, vocábulos, escrita e a linguagem não – verbalizada que utiliza codificação como gestos, expressões facial e corporal, entre outros (Broca; Ferreira, 2015).

A palavra comunicar-se é oriunda do latim- *comunicare*, que tem como significado fazer que algo se torne comum, deduzir, interpretar, transmitir informações, para sincronizar a mensagem ao emissor e receptor (Moreira, 2010). Para que ocorra a comunicação alguns elementos são fundamentais, como por exemplo os emissores, receptores, canais e respostas, ou seja, é uma maneira de trocar informações que possibilita a tomada de providências, usada de distintos modos pelos indivíduos e que pode sofrer durante o seu processo muitas interferências (Silva, 2002).

No mundo, há cerca de 360 milhões de indivíduos que apresenta algum tipo de prejuízo auditivo, em 2050, esse quantitativo pode aumentar chegando a 900 milhões (Portal, 2018; Brasil, 2018). No Brasil, esse número elevou-se passando de 9 milhões no censo de 2010, para 28 milhões em 2015, ou seja, uma elevação em torno de 14% da sociedade (Jornal da Usp, 2019).

É de fundamental importância diferenciar deficiência auditiva e surdez. Na visão clínica, a pessoa com deficiência auditiva se diferencia da pessoa surda quando se leva em consideração o grau de acometimento auditivo. Assim, a pessoa com deficiência auditiva pode ser definido como aquele que teve algum tipo de perda na audição que pode atingir sua totalidade em alguma fase da vida. Possivelmente, esse indivíduo aprendeu comunicar-se através da linguagem oral e por determinado período foi ouvinte. Por outro lado, o surdo, apresenta perda total da audição, não consegue ouvir, e para efetivar a comunicação utiliza a Língua de Sinais (Preuss et al., 2020).

No Brasil, segundo a Constituição Federal Brasileira de 1988 e a Lei Orgânica de Saúde Nº 8.080 de 1990, saúde é um direito fundamental de todos os cidadãos. Os setores que prestam assistência à saúde devem garantir um atendimento que atendam às necessidades dos indivíduos que prezem pelos princípios da

universalidade, igualdade e equidade, livre de quaisquer tipos de julgamentos, ou ausência de informações sobre sua condição de saúde (Brasil, 1988; Brasil, 1990).

O Sistema Único de Saúde (SUS) foi criado com a finalidade de ofertar a população assistência à saúde com bases nos princípios da universalidade, integralidade e igualdade, tendo como base também, combater a falta de igualdade no atendimento, fazendo que se torne obrigatório o atendimento público de qualquer pessoa e disponibilizando unidades de serviços da atenção primária, secundária e terciária (Begrow et al., 2018).

A atenção primária a saúde é considerada como o primeiro nível de atenção à saúde é porta de entrada das pessoas aos serviços de saúde, voltada para a prestação de cuidados de acordo os princípios preconizados pelo SUS. Utiliza-se uma tecnologia de baixa densidade, quando preciso, direciona os indivíduos aos serviços especializados, tais como: terapêuticos, ambulatoriais e hospitalares (Brasil, 2011; Dias, 2012).

Os profissionais enfermeiros precisam ter entendimento sobre a Língua Brasileira de Sinais para propiciar um atendimento satisfatório, não se fazendo necessário a presença de um intérprete de LIBRAS, o que torna a assistência mais humanizada (Cunha; Pereira; Oliveira, 2019). A Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS foi reconhecida como língua oficial da comunidade surda em todo território brasileiro pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (Brasil, 2002).

Geralmente, as pessoas que não apresentam nenhum comprometimento auditivo não conhecem a Libras. Isto pode ocorrer, devido ao fato da comunicação de ouvintes se dá através do oralismo e não ouvintes pela Língua de Sinais, que por sua vez, se distinguem, pois uma utiliza os canais auditivos a outra a visão (Sales; Oliveira; Araújo, 2013). Tais particularidades da Libras coopera para que as pessoas surdas sejam vistas socialmente como indivíduos incapacitados, limitantes e inferiorizados, correlacionando a surdez com a deficiência (Abreu; Silva; Zuchiwsch, 2016).

Este grupo, quando procura pelos serviços de saúde ofertado nas unidades básicas de saúde, enfrenta entraves na comunicação, pois para se comunicar usam a LIBRAS. Comumente, os trabalhadores de saúde desconhecem a língua, os profissionais intérpretes não estão disponíveis no ambiente, dificultado assim a

comunicação, e colaborando para que o atendimento não seja de qualidade, eficiente e acessível (Pires; Almeida, 2016).

Frente ao exposto, o presente trabalho teve como objetivo analisar o conhecimento de estudantes de enfermagem de uma universidade pública sobre a comunicação com surdos na atenção básica.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho trata de um estudo descritivo de abordagem qualitativa. A pesquisa foi conduzida em uma universidade pública localizada no sudoeste na Bahia, Brasil.

A população foi composta por sete estudantes de enfermagem do oitavo semestre de uma universidade pública no sudoeste da Bahia. Os estudantes foram escolhidos por estarem próximos ao término da graduação e por já terem cursado grande parte da matriz curricular, o que contribui para a possibilidade dos mesmos já terem tido algum tipo de contato com as pessoas surdas no decorrer das práticas.

Os critérios de elegibilidade foram estudantes de enfermagem do oitavo semestre de uma universidade pública, localizada no sudoeste da Bahia, que estivessem dispostos a participar da pesquisa e que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O TCLE foi construído, enviado e assinado pelo entrevistado via *Google Forms*.

O estudo investigou o nível de conhecimento dos graduandos de enfermagem em relação ao processo comunicacional com os surdos na atenção básica. Os dados foram obtidos através da realização de entrevistas semiestruturadas que seguiram um roteiro de perguntas confeccionados pelas pesquisadoras contendo perguntas abertas, realizadas no mês de setembro, com duração média de 15 a 20 minutos para cada participante, sendo realizadas de maneira remota, por meio da plataforma *Google meet*, com apenas a presença da pesquisadora e do participante. As perguntas, com o intuito de facilitar a expressão dos entrevistados, foram gravadas por um dispositivo para esse fim, com consentimento prévio dos participantes com a finalidade de acurácia e fidedignidade das informações, sendo em seguida transcritas.

O corpus oriundo das informações obtidas foi submetido a Análise de Conteúdo Temático de Bardin, seguindo as fases: pré análise; exploração do material; tratamento dos resultados; inferência e interpretação. As respostas dos entrevistados foram lidas e identificadas, com base nos termos e expressões usadas, conteúdos que se repetiam e que interagiam entre si, determinando os núcleos de sentidos. Esses foram agrupados em categorias de acordo cada temática.

Na categoria Conhecimento sobre a Língua de Sinais os estudantes responderam às perguntas relacionadas ao que pensa ou sabe sobre o atendimento de pessoas surdas, desconhecimento da língua e se conhece algum surdo. Na segunda categoria abordou as estratégias de comunicação utilizadas para efetivar uma comunicação com as pessoas surdas na atenção básica. A última categoria foi oferta da disciplina de LIBRAS e sua importância para a formação profissional, as variáveis abordaram temas sobre o risco de comunicação ineficaz e a importância da disciplina na matriz curricular dos cursos na área da saúde, em especial na área da enfermagem.

A pesquisa é um recorte da dissertação de mestrado “O atendimento das pessoas surdas na atenção básica na percepção de estudantes de enfermagem” e acatou todas as questões éticas explanadas pelas Resoluções Nº 466/2012 e Nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e demais orientações da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), sendo aprovada sob o Parecer nº 5.889.710, CAAE 59892322.8.0000.0055. A apresentação dos resultados procedeu-se através da identificação por número dos participantes (nº1 a nº 7).

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta etapa do estudo, foram apresentados e discutidos os resultados obtidos por meio da entrevista realizada com sete estudantes do oitavo semestre de um curso de enfermagem de uma instituição pública de ensino superior. Os resultados oriundos da análise de conteúdo foram organizados em três categorias, a saber: 1) Conhecimento sobre a Língua de Sinais; 2) Estratégias de comunicação utilizadas para efetivar uma comunicação com as pessoas surdas na atenção básica; 3) Oferta da disciplina de LIBRAS e sua importância para a formação profissional.

Categoria 1: Conhecimento sobre a Língua de Sinais

A primeira categoria, conhecimento sobre a Língua de Sinais, engloba as informações que os participantes do estudo narraram sobre suas concepções acerca do conhecimento da LIBRAS.

A linguagem verbalizada é a mais utilizada pela população no diálogo e quando se depara com uma situação em que é preciso fazer uso de outro tipo de linguagem, surgem dificuldades de comunicação, principalmente, quando se trata do público surdo (Oliveira; Celino; Costa, 2015).

A conversação é um dos mecanismos indispensáveis para a prestação dos cuidados à saúde, principalmente, para os profissionais de enfermagem. Assim, a falta de conhecimento da Língua dos Sinais dificulta a troca de informações e a comunicação entre os trabalhadores de enfermagem e os pacientes surdos comprometendo o atendimento e os resultados esperados (Araújo et al., 2015).

Neste contexto, para identificar o conhecimento de alunos do curso de enfermagem sobre o atendimento prestado aos pacientes surdos, perguntamos aos participantes da pesquisa se eles conseguem se comunicar com os surdos utilizando a Língua dos Sinais, os entrevistados afirmaram que não sabem se comunicar usando a língua referida.

[...] não me sinto segura para prestar um atendimento usando a língua dos sinais (Participante n^o5)

A gente como profissional deveria ter uma qualificação de como comunicar, eu não tenho noção nenhuma de como realizar atendimento com essas pessoas, entendeu, eu não sei como é a forma de comunicação (Participante n^o7)

Como podemos perceber nestas narrativas, os estudantes de enfermagem descrevem que não se sentem capacitados para realizar um atendimento ao paciente surdo utilizando a Língua Brasileira de Sinais, evidenciando, mais uma vez, a complexidade e o comprometimento no atendimento pelo não conhecimento da língua. Vale ressaltar, que a insegurança é devido à falta de conhecimento, considerando que a LIBRAS é disciplina obrigatória apenas para os cursos de

Licenciatura e no curso de Fonoaudiologia, como posto no Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, no seu artigo 3º a Língua dos Sinais deve ser ofertada como componente curricular obrigatório nos cursos de formação de docentes para o exercício do magistério, nos níveis médio e superior, e no curso de Fonoaudiologia (...)" (Brasil, 2005).

É incumbência do profissional de enfermagem, ajustar sua forma de diálogo, verbalizada ou não verbalizada, levando em consideração a necessidade do cliente, para que ocorra a compreensão de ambas as partes, tanto do enfermeiro quanto do usuário. Vale salientar, que nem todas as pessoas são aptas ao entendimento da língua portuguesa e conseqüente de sua escrita, justamente porque essa língua não é a primeira língua das pessoas surdas (Miranda, Shubert; Machado, 2014).

Questionados sobre os riscos que uma comunicação ineficaz pode ocasionar, os estudantes de enfermagem demonstraram que a ausência de domínio da LIBRAS pode gerar muitas complicações, que pode percorrer desde uma simples reação alérgica até o óbito do paciente devido uma falha na comunicação.

O risco ele vem da base, de que se você não consegue entender o seu paciente, você não consegue entender as demandas que ele tem, você não consegue assistir de maneira eficaz. Se você não consegue entender, se seu paciente tem alergia a dipirona para lançar no prontuário, se em algum momento você administrar essa dipirona pode levar o paciente a óbito, a depender da reação anafilática que ele tiver. Então, assim, o problema ele está exatamente aí, nessa comunicação ineficaz ao ponto de exatamente não se fazer entender né, e também entender o que esse paciente quer passar pra você (Participante nº2).

Constata-se na literatura que a partir do momento que o profissional de enfermagem não utiliza a Língua de Sinais com o paciente surdo, acaba colocando em risco o atendimento desse usuário, uma vez que suas demandas não são acatadas, bem como a obtenção de dados acaba sendo incompleta. Como resultado, o paciente se sente inseguro e não sente à vontade para retornar à unidade básica de saúde (Silva; Basso; Fernandes, 2014).

Os profissionais enfermeiros (as) precisam analisar sobre o atendimento ofertado as pessoas surdas, se esse cuidado está sendo humanizado, acessível e se abarca todas as necessidades do cliente (Dantas et al., 2014). Nesse quesito, a presença de equipe de saúde da família tem o intuito de viabilizar o acesso dos indivíduos à rede de atenção à saúde, cumprindo o papel como porta de entrada prioritariamente, através de ações rotineiras e continuadas (Almeida; Giovanella; Augusto, 2012; Malta et al., 2016).

A troca de informações é um ponto de fundamental importância para a aproximação do indivíduo nos setores de saúde, sendo assim, os trabalhadores assumem obrigações moral e legal com as pessoas surdas, tendo em vista a saúde com um direito ofertado a todos e de maneira equânime (Soares; Lima; Santos; 2018; Ferreira, 2018). O diálogo, verbalizado ou não verbalizado, é fundamental para a efetivação da assistência a pessoa surda, pois possibilita a análise clínica e psíquica da pessoa avaliada (França et al., 2021).

Categoria 2: Estratégias de comunicação

Nesta categoria foi analisada quais as ferramentas relatadas pelos estudantes de enfermagem para utilizarem durante a comunicação com pessoas surdas. Primeiramente, é interessante demonstrar que todos os participantes relataram a necessidade de usar algum método para efetivar a comunicação, já que não dominam a Língua de Sinais.

É através da conversação constituída entre trabalhador de saúde e usuário, que as pessoas têm suas queixas escutadas, suas demandas solucionadas, obtenção de informações sobre suas condições de saúde, bem como do tratamento mais indicado. Porém, a troca de informações entre os profissionais de enfermagem e as pessoas surdas ainda apresenta muitas limitações, intimando-os, conseqüentemente, utilizar a comunicação não verbalizada para efetiva-la (França; Silva, 2018).

A literatura aponta que a conversação proporciona a aproximação entre trabalhadores de saúde e a pessoa surda, sendo a LIBRAS a principal e a mais apropriada maneira de troca de informações. Apesar de muitos trabalhadores não

entenderem a Língua de Sinais, outros métodos são utilizados no atendimento, como o uso da mímica, leitura labial e escrita (Gonçalves; Silvano, 2019).

Na tentativa de realizar o atendimento do paciente surdo, tendo em vista que o mesmo não pode sair da unidade sem assistência, perguntamos aos participantes da pesquisa que estratégias usariam para tentar efetivar essa comunicação, mesmo não sendo a mais viável. Em relação as estratégias mais utilizadas, considera-se que a escrita e os gestos são os métodos mais referidos para esse processo comunicacional.

[...] eu tentaria, a partir do pouco que eu sei, tentar gesticular, para ver se conseguiria me entender, a escrita também usaria, mas algumas pessoas não sabem ler e escrever (Participante nº1)

A minha ideia primária seria utilizar a escrita, ainda que a escrita é um pouco diferente, porque se eu não me engano não tem conectivos ou uma coisa assim, mas, mesmo assim seria mais fácil de eu conseguir entender completamente, gestos, é eu tentaria entender o que ele está falando pelos gestos e confirmaria digitando e perguntaria se de fato é essa informação que ele está querendo me passar e tentaria esse diálogo entre gestos e escrita para tentar concluir a consulta (Participante nº2).

Estudo realizado por Dantas et al (2014), mostra que quando não a um intérprete da Língua de Sinais, a equipe de enfermagem utiliza de linguagem não verbal para se dialogar com o surdo. Com a finalidade de minimizar as barreiras comunicativas, fazem mímica, gesticulam na tentativa de transmitir a informação de como será o atendimento. Esses artifícios têm inúmeros malefícios, pois na maioria das vezes nem o profissional enfermeiro nem o usuário entende a informação transmitida.

Para Brito e Samperiz (2010), um dos mecanismos usados pelos enfermeiros para conversar com a pessoa surda é por meio de um acompanhante que conduz a mensagem para o paciente. Como artifício não-verbal, usam a leitura labial, escrita, desenhos e imagens, como meios para facilitar o entendimento.

No discurso a seguir observa-se que o participante diz que, apesar de utilizar como ferramenta o uso da escrita, não saberia dizer se seria um método adequado, pois acredita que nem todas as pessoas surdas são alfabetizadas com a língua portuguesa.

A escrita poderia, eu conheço pessoas surdas que dominam a leitura, agora eu não sei, depende se a pessoa tem, se ela consegue, se sabe ler, não sei se a leitura seria nesse sentido muito eficaz não (Participante nº6).

A escrita desempenha um papel fundamental como método de expressão, isso, pois ela propicia compreensibilidade para a comunicação entre trabalhador e cliente, nesse caso, acontece quando o paciente tem habilidade de leitura e escrita em português. Esse método, é bastante considerável, podendo ser uma estratégia muito proveitosa no processo comunicacional. No entanto, talvez não seja tão acessível, pois algumas pessoas não são alfabetizadas (Pagliuca et al., 2007). Outra situação que dificulta o esse uso, é a escrita não legível e uso de palavras rebuscadas ou terminologias da área da saúde, o que interfere no entendimento dos profissionais de enfermagem (Cardoso et al., 2016).

Cabe ressaltar que outros mecanismos foram mencionados como meio de realizar uma comunicação como leitura labial e uso do celular.

[...] leitura labial, tentar falar de uma forma que eles pudessem entender pela leitura labial, [...], gestos mostrar os locais e tentar falar de uma forma assim mais clara, para que eles possam entender fazendo a leitura, escrever é uma boa, ou digitar no celular porque as vezes a gente está mais com o celular (Participante nº5)

É de fundamental importância dizer que para a realização da leitura dos lábios é preciso muita atenção, principalmente, quando usada no processo comunicacional, até os indivíduos com grande habilidade na técnica consegue entender cerca de 30% a 40% das informações percebidas através dos movimentos dos lábios, já que fonemas apresentam similaridade em suas representações. Ressalta-se também que a modificação da postura da cabeça pode favorecer a não captação da mensagem (Oyama; Terceira; Parazzi, 2017).

Com base no relato abaixo, percebe - se que os estudantes de enfermagem entrevistados relataram que apesar do uso de dispositivos para mediar uma comunicação entre profissional de saúde e a pessoa surda, não seria suficiente para abarcar as necessidades do paciente surdo.

Eu sinto que não tenho essa capacitação para formar um diálogo com essa pessoa mesmo que tenha outras fórmulas, outros métodos, ela não vai entender o que eu estou falando, mas mesmo assim seria uma comunicação prejudicada (Participante nº4).

Os artifícios de comunicação não verbalizada, corriqueiramente, nem sempre tem bom êxito, ainda assim, permanece uma falha na compreensão tanto por parte do profissional quanto do paciente. Frequentemente, o usuário não consegue entender a leitura labial, ou a equipe de enfermagem não consegue decifrar as expressões faciais, gestos, leitura labial ou desenhos produzidos (Assis et al., 2020).

A comunicação não verbal, por gestos, muitas vezes não é tão precisa ou eficiente, podendo ocorrer falhas na comunicação. Outra desvantagem para esse tipo de diálogo é requerer um tempo maior no atendimento da equipe de enfermagem, exigindo um esforço maior de ambos na consulta (Pagliuca et al., 2007).

Sendo assim, constata-se que esses mecanismos põem em risco o atendimento ofertado as pessoas surdas, especialmente em situações emergenciais, nos quais pode haver o risco imediato de morte. Além disso, é essencial que os setores de saúde empreguem atividades de educação permanente para os seus profissionais, com enfoque da Língua de Sinais, e que eles também se disponham em buscar atualizações para comunicarem com as pessoas surda (Souza et al., 2022).

Categoria 3: Oferta da disciplina de LIBRAS e sua importância para a formação profissional

A enfermagem é entendida como uma profissão que tem como uma de suas atribuições a educação em saúde e a oferta de cuidado às pessoas, levando em consideração seus aspectos biológicos, psicológicos, sociais e espirituais. No que

refere a pessoa com deficiência, essa cooperação não deve ser somente no quesito reabilitação, mas também em táticas preventivas e promotoras a saúde (Dantas et al., 2014).

Contudo, para que o atendimento em enfermagem assegure o cuidado integral é preciso uma troca de informações satisfatória, e quando isso não acontece compromete o atendimento, a resolução de embates e a redução de empecilhos (Pagliuca et al., 2007).

Em consonância com essa pesquisa, um estudo realizado em Arapiaca – AL, demonstra que os profissionais de enfermagem compreendem a relevância da conversação entre usuário e o trabalhador para a garantia da qualidade do atendimento ofertado (Soares et al., 2018). Nesse sentido, perguntamos aos participantes o que pensavam sobre o componente LIBRAS no curso de enfermagem,

Eu acho a libras importante não somente para o lado profissional, mas como o todo, né, porque é inclusão das outras pessoas que necessitam (Participante nº3)

Acho muito importante a disciplina de libras (Participante nº4)

Com certeza é de extrema importância, porque já teve um caso que eu cheguei e o paciente era surdo, a gente tentava comunicar com ele, só que ele não entendia, e a gente não sabia como falar com ele, é uma situação bem complicada mesmo, a gente fica sem jeito, ele fazia os gestos que não conseguia entender nada, a gente falou meu Deus, a gente se sentiu mal (Participante nº5)

Um artifício que beneficia o diálogo entre trabalhadores de enfermagem e os surdos é a introdução de disciplinas que habilitem os profissionais a atenderem esse público de maneira acessível, bem como a oferta do curso de Língua de Sinais, que é a língua usada pelas pessoas surdas para se comunicarem (Dantas et al., 2014).

Nos cursos na área da saúde, o componente curricular de Língua de Sinais de acordo o Decreto Nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, é ofertada como disciplina optativa (Brasil, 2005). Ressalta-se que a disciplina optativa, nem sempre é oferecida e nem todos os estudantes cursam. (Nascimento et al., 2018).

Percebe-se nos recortes:

[..] eu cursaria a disciplina de libras, inclusive procurei outro campi para tentar cursar a disciplina, não sei porque na minha universidade não foi ofertada. A oferta da disciplina libras é muito importante para a minha formação [...] deve fazer parte da matriz curricular [...] se a disciplina de libras fosse ofertada eu teria interesse em participar do curso de libras [...]eu faria com certeza [...] (Participante nº 2).

Eu cursaria a disciplina de libras se fosse ofertada [...]a libras é uma disciplina importante (Participante nº6).

Notamos que os estudantes de enfermagem percebem a necessidade da disciplina Língua Sinais ser disponibilizada como crédito obrigatório para os cursos na área da saúde, principalmente na Graduação de Enfermagem.

Me sentia um profissional insuficiente, eu acho que para gente ter essa, nem falo autonomia para entender mais sobre enfermagem, saber lidar com todas as situações que aparece na frente da gente, é necessário, com certeza, a disciplina ser obrigatória (Participante nº1).

Argumentamos que tal afirmação é constatada quando se busca entender que para efetivar uma comunicação é preciso compreender as informações transmitidas. Um estudo realizado no ano de 2022 evidenciou que é de extrema importância discussões com amplitude sociais e efetivas do Poder Legislativo, entendendo quão importante é o componente curricular Língua de Sinais no processo de formação do enfermeiro e que insira na matriz curricular essa disciplina obrigatória para os cursos de enfermagem, como para os demais cursos na área na saúde que atendem diretamente a pessoa surda (Souza et al., 2022).

Os cursos na área da saúde precisam aprimorar a matriz curricular a fim de habilitar os estudantes para a prestação de cuidados a pessoa surda. A ausência de qualificação dos trabalhadores de saúde para prestar atendimento ao surdo está muito voltada para o número reduzido de capacitações e dessa temática na academia (Bernardo et al., 2020).

Os trabalhadores de saúde acolhem os usuários, por isso, é necessário o incentivo de formação continuada para contribuir, satisfatoriamente, na assistência do usuário. As atualizações dos profissionais são imprescindíveis para a redução das dificuldades comunicativas nas unidades de saúde, esses fatos são identificados pelos próprios profissionais (Condessa et al., 2020).

[...] a gente percebe quando adentra algum lugar, ou quando a gente que tem se comunicar com essas pessoas, é que a gente vê de quão defasada nossa formação já é nessa parte, nesse sentido, não só na nossa graduação, mas também na nossa formação no ensino fundamental, médio, é algo mais complexo, o nível de descomprometimento de algum modo, está em todas as etapas, sabe da nossa formação, nessa parte, na parte da acessibilidade (Participante nº6).

A disciplina Língua de Sinais, quando disponibilizada, pode oferecer uma boa base inicialmente, porém não suficiente, porque a formação básica inicial numa língua não garante a fluência na mesma e não possibilita atender todos os conteúdos disponíveis na matriz curricular das graduações na saúde (Santos; 2019). Geralmente, a disciplina Língua de Sinais na graduação tem uma carga horária reduzida não favorecendo a efetivação do aprendizado da língua pelos estudantes (Dalsico, 2016). Mesmo quando disponibilizada de maneira obrigatória ou não - obrigatória nos cursos superiores de enfermagem, são ofertadas um quantitativo muito pequeno de horas (Souza et al., 2022).

Contudo, o que se percebe é que essa situação expõe a ausência de igualdade na inserção da pessoa surda na comunidade. Assim, faz-se necessário que as instituições públicas de ensino superior disponham de um número elevado de vagas em cursos de formação em Língua dos Sinais, para que dessa maneira consigam mais profissionais para atenderem a procura e, especialmente, para atuarem no ensino da LIBRAS nos cursos de formação de enfermeiros (Souza et al., 2022).

A insuficiência de profissionais com formação em Língua de Sinais, demonstra as diversas lacunas presentes na assistência ao surdo, que de acordo a lei nº 10.436/02, necessitaria de cuidados de qualidade e humanizado. Para que tal fato se regularize e que ocorra a elevação de profissionais capacitados, é preciso

que o Poder Legislativo coloque na agenda a indispensabilidade de oferta de cursos da Língua Brasileira de Sinais não somente para os enfermeiros, mas todos os profissionais que compõem os serviços de saúde. Ademais, que o poder Legislativo coloque em práticas tais medidas e que não sejam meramente mencionadas na teoria (Souza et al., 2022).

Diante das discussões e reflexões que traçamos até aqui, a oferta desse componente curricular nos cursos de graduação em enfermagem deve ser considerada um grande avanço para a humanização e acessibilidade dos surdos nos serviços de saúde, já que, assim, os estudantes terão a oportunidade de compreender a importância da língua dos sinais para uma comunicação efetiva e acessível aos surdos, afim de garantir uma assistência de qualidade e excelência

5. CONCLUSÃO

Por se tratar de um problema de saúde pública e ser uma temática polêmica e merecedora de reflexões, a pesquisa viabiliza a necessidade de novas intervenções e estudos. Os espaços acadêmicos necessitam ampliar os seus olhares sobre a relevância do conhecimento da Língua dos Sinais para a efetivação da comunicação com as pessoas surdas.

Uma comunicação efetiva entre profissionais de saúde e surdos ocorre a partir do momento que o enfermeiro e a pessoa surda utilizam a LIBRAS para dialogar entre si. Os dados obtidos no estudo demonstram a importância do contato com a língua, ainda, durante o processo de formação.

Diante da realidade retratada pelos estudantes de enfermagem as universidades devem dispor da Língua Brasileira de Sinais como componente curricular nas diversas áreas e cursos de graduação, como também na enfermagem. Sabe-se que os enfermeiros (a) prestam cuidados diretos aos pacientes, realizam procedimentos e questionamentos, sendo, portanto, necessário comunicar-se constantemente. A utilização da LIBRAS contribui satisfatoriamente na possibilidade de redução de erros, devido à falta de entendimento durante a comunicação. Desse modo, faz-se necessário uma reavaliação nas leis que enfatizam a disciplina Língua Brasileira de Sinais no processo de formação dos profissionais da área da saúde, para uma melhor oferta de cuidados a pessoa surda.

Isto posto, destacamos a importância do enfermeiro, enquanto membro atuante na assistência a pessoa surda, conhecer e compreender a Língua Brasileira de Sinais, para que se sinta capaz de atender e ofertar uma assistência em que o surdo se sinta de fato acolhido e possa enxergar no profissional de saúde uma referência para atendê-los satisfatoriamente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Patty Fidelis de; GIOVANELLA, Lígia; NUNAN, Berardo Augusto. Coordenação dos cuidados em saúde pela atenção primária à saúde e suas implicações para a satisfação dos usuários. **Saúde em Debate**, v. 36, p. 375-391, 2012.
- BRASIL. Agência Brasil. Oms adverte que 900 milhões de pessoas podem ter surdez até 2050. In: Portal Agência Brasil/Saúde, 2018.
- BRASIL. Conselho Nacional de Secretários da Saúde. Assistência de média e alta complexidade no SUS. Brasília (DF): Conass; 2011.
- BRASIL. Presidência da República, Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Constituição Federal Brasileira de 1988. (1988). Brasília, DF: Presidência da República.
- BRASIL. Lei nº8.080, de 19 de setembro de 1990. (1990). Dispõe sobre a Língua dos Sinais – Libras e das outras providências. Diário Oficial da República Federativa. Brasília.
- BRASIL. Lei nº10.436, de 24 de abril de 2002. (2002). Dispõe sobre a Língua dos Sinais – Libras e das outras providências. Diário Oficial da República Federativa. Brasília.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. (2005). Diário Oficial da República Federativa. Brasília.
- BEGROW, Desirée De Vit et al. A (In) visibilidade do surdo na atenção primária: Relato de experiência. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 42, n. 4, p. 753-762, 2018.
- BERNARDO, Lucas Andreolli et al. Potências e limites no cotidiano da formação acadêmica no cuidado à saúde da pessoa surda. **Escola Anna Nery**, v. 25, p. e20200341, 2021.
- BRITTO, Fernanda da Rocha; SAMPERIZ, Maria Mercedes Fernandez. Dificuldades de comunicação e estratégias utilizadas pelos enfermeiros e sua equipe na assistência ao deficiente auditivo. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, p. 80-85, 2010.
- BROCA, Priscilla Valladares; FERREIRA, Márcia de Assunção. Processo de comunicação na equipe de enfermagem. **Escola Anna Nery**, v. 19, p. 467-474, 2015.
- CARDOSO, Adriane Helena Alves; RODRIGUES, Karla Gomes; BACHION, Maria Márcia. Percepção da pessoa com surdez severa e/ou profunda acerca do processo de comunicação durante seu atendimento de saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 14, p. 553-560, 2006.
- CONDESSA, Aline Macarevich et al. Barreiras e facilitadores à comunicação no atendimento de pessoas com deficiência sensorial na atenção primária à saúde: estudo multinível. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, 2020.
- CUNHA, Raiane Pereira Silva; PEREIRA, Mayara Candida; OLIVEIRA, Maria Liz Cunha de. Enfermagem e os cuidados com pacientes surdos no âmbito hospitalar. **REVISIA (Online)**, p. 357-377, 2019.

DALZICO, Arali Maiza Parma. A disciplina de Libras no contexto da EaD. **Revista Diálogos**, v. 4, n. 1, p. 78-89, 2016.

DA SILVA FRANÇA, Brenda et al. Acessibilidade de deficientes auditivos na atenção primária: uma reflexão sociocultural sob o olhar da enfermagem. **Ensino, Saude e Ambiente**, v. 14, n. 3, p. 995-1007, 2021.

DE ABREU, Fabrício Santos Dias; SILVA, Daniele Nunes Henrique; ZUCHIWSCHI, José. Surdos e homossexuais: a (des) coberta de trajetórias silenciadas. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 607-620, 2015.

DE ARAÚJO DANTAS, Thayana Rose et al. Comunicação entre a equipe de enfermagem e pessoas com deficiência auditiva [Communication between nursing team and people with hearing impairment]. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 22, n. 2, p. 169-174, 2014.

DE ASSIS, Camila Silva et al. Comunicação da equipe de enfermagem no cuidado aos pacientes com deficiência auditiva. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, p. e407997349-e407997349, 2020.

DE SOUZA, Carlos Henrique Lima et al. A Importância da Disciplina de Libras Durante a Graduação de Enfermagem para uma Prestação Humanizada da Assistência. **Revista de Casos e Consultoria**, v. 13, n. 1, 2022.

DIAS, V. A. Referência e Contra-referência: Um importante Sistema para complementaridade da Integralidade da Assistência. **Trabalho de Conclusão de Curso.(Especialista em Saúde Pública). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis**, p. 1-38, 2012.

FERREIRA, Y. C. D. As dificuldades dos profissionais de enfermagem da Atenção Básica em prestar atendimento à Pessoa Com Deficiência (PCD) auditiva e/ou fala. **Brasília: Rev Científica Instituto Ideia**, v. 8, n. 1, p. 233-250, 2019.

FRANCA, Nícia das Graças Gonçalves Machado; DA SILVA, Rodrigo Gomes. Percepção de enfermeiros sobre a comunicação no atendimento à pessoa com deficiência auditiva. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 6, n. 3, 2018.

FRANCISQUETI, V. et al. Sentimentos da equipe de enfermagem ao atender um paciente com deficiência auditiva: Desafios do cuidado. **REAL**. 2017; 3 (13): 31-51.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo; SILVANO, Ana Gabriela Neves. A importância da comunicação eficaz no atendimento à pessoa com deficiência auditiva. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 2, n. 5, p. 267-279, 2019.

JORNAL USP . Quase 30 milhões de brasileiros sofrem de surdez. In: Atualidades, 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/quase-30-milhoes-de-brasileiros-sofrem-de-surdez/>. Acesso em: 17 de out, 2023.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Family health strategy coverage in Brazil, according to the National Health Survey, 2013. **Ciencia & saude coletiva**, v. 21, p. 327-338, 2016.

MIRANDA, Catarina Rodrigo Sousa de; SHUBERT, Carla Oliveira; MACHADO, William César Alves. A comunicação com pessoas com deficiência auditiva: uma revisão integrativa. **Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online)**, p. 1695-1706, 2014.

OLIVEIRA, Yanik Carla Araújo de; CELINO, Suely Deysny de Matos; COSTA, Gabriela Maria Cavalcanti. Comunicação como ferramenta essencial para assistência à saúde dos surdos. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 25, p. 307-320, 2015.

PAGLIUCA, Lorita Marlena Freitag; FIÚZA, Nara Lúgia Gregório; REBOUÇAS, Cristiana Brasil de Almeida. Aspectos da comunicação da enfermeira com o deficiente auditivo. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 41, p. 411-418, 2007.

PIRES, Hindhiara Freire; ALMEIDA, Maria Antonieta Pereira Tigre. A percepção do surdo sobre o atendimento nos serviços de saúde. **Revista enfermagem contemporânea**, v. 5, n. 1, 2016.

SALES, Alessandra Santos; OLIVEIRA, Roberto Ferreira de; ARAÚJO, Edna Maria de. Inclusão da pessoa com deficiência em um Centro de Referência em DST/AIDS de um município baiano. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, p. 208-214, 2013.

SOARES, Imaculada Pereira et al. Como eu falo com você? A comunicação do enfermeiro com o usuário surdo como eu falo com você? A comunicação do enfermeiro com o usuário surdo. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 32, 2018.

OYAMA, Silvia Maria Ribeiro; TERCEIRO, Flávia Aparecida Barbosa Mesquita; PARAZZI, Larissa Caroline. Comunicação do enfermeiro docente na assistência a pessoas cegas e surdas. **CuidArte, Enferm**, p. 78-85, 2017.